

Uma discreta e outra festeira

A 115 não perde a chance de comemorar dias festivos. A 116, no entanto, prefere uma vida comunitária mais tranqüila

A escolha não se deu tanto pela quadra, mas sim pelo apartamento. Quando resolveu comprar um imóvel na 116 Norte, Ana Cristina Souza Amaral e o marido, Cláudio, pensaram em ter mais espaço para abrigar a família, que cresce a cada dia. Os

apartamentos antigos, segundo ela, são maiores do que os mais novos e os preços mais acessíveis. E hoje eles não se arrependem de sua escolha.

A quadra, assim como a vizinha 115 Norte, ainda está incompleta com alguns prédios por construir — dois na 116 e três na 115, além de um da Encol por terminar —, mas as unidades existentes têm, em alguns casos, mais de 20 anos. Assim, ambas as quadras dispõem de muito espaço para jovens e crianças, mas carecem ainda de algumas melhorias.

Na 116, os moradores reclamam a falta de calçadas — em alguns pontos é preciso andar pela rua —, de uma área esportiva e de

mais estacionamento, como destaca a prefeita Márcia Graça Graminhani. Na 115, a reivindicação é por maior segurança. De acordo com Bernadete Franco Machado, que vive há 17 anos no local e é tesoureira da prefeitura, é comum o roubo de veículos e acessórios. Ela acredita que a localização da quadra, no final da Asa Norte, acaba atraindo e facilitando a ação de alguns desocupados.

As duas quadras já tiveram prédios funcionais. Na 115, um era do Exército e três do Banco do Brasil, que teve mais dois edifícios também na 116. O quadrilátero final da Asa Norte, aliás, formado pelas duas quadras mais a 315 e 316, é uma espécie de reduto do Banco do

Brasil, que construiu na região várias moradias para seus funcionários. Isso, de certa forma, facilitou o entrosamento e a união entre as comunidades das quatro quadras, que costumam atuar de forma bastante integrada.

Algumas, porém, estão mais estruturadas do que as outras. Morando há apenas sete meses na 116, Ana Cristina já detectou algumas falhas. Com dois filhos pequenos, ela reclama a falta de um parquinho cercado, de forma a evitar a entrada de cachorros. “O Henrique ainda tem dois meses e não usa, mas o Ricardo, de um ano e dez meses, brinca muito em parquinhos e eu acho que eles deveriam ser mais reservados”, diz ela.

Por outro lado, a filha adolescente, Priscilla, de 14 anos, não tem do que reclamar, segundo ela, pois a quadra é cheia de jovens e a menina já fez bastante amigos.

Cada quadra, porém, apesar dos estilos semelhantes, têm características diferenciadas. A 116 é mais tranqüila, os moradores não são muito de festa e preferem não se envolver em atividades comunitárias, como destaca a prefeita Márcia Graça. Na 115, ao contrário, todas as datas festivas são comemoradas. Este ano, já teve festa junina, Dia das Mães e Dia das Crianças e, segundo Bernadete, a participação dos moradores aumenta a cada comemoração.

Os moradores da 115 dispõem,

ainda, de algumas comodidades. Todo sábado tem a feira do Cícero, em uma área voltada para a 515, que é bastante freqüentada por quem vive por ali. No sábado, também tem a perua do queijo, que pára na quadra há muitos anos. Uma costureira mantém um quiosque na entrada, ao lado da banca de revista. São algumas opções adicionais para quem já tem no comércio boas ofertas de produtos e serviços. Para quem gosta da natureza, porém, o programa na 115 é observar os beija-flores, que fazem dos jardins próximos à escola seu ponto de parada.

NELZA CRISTINA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

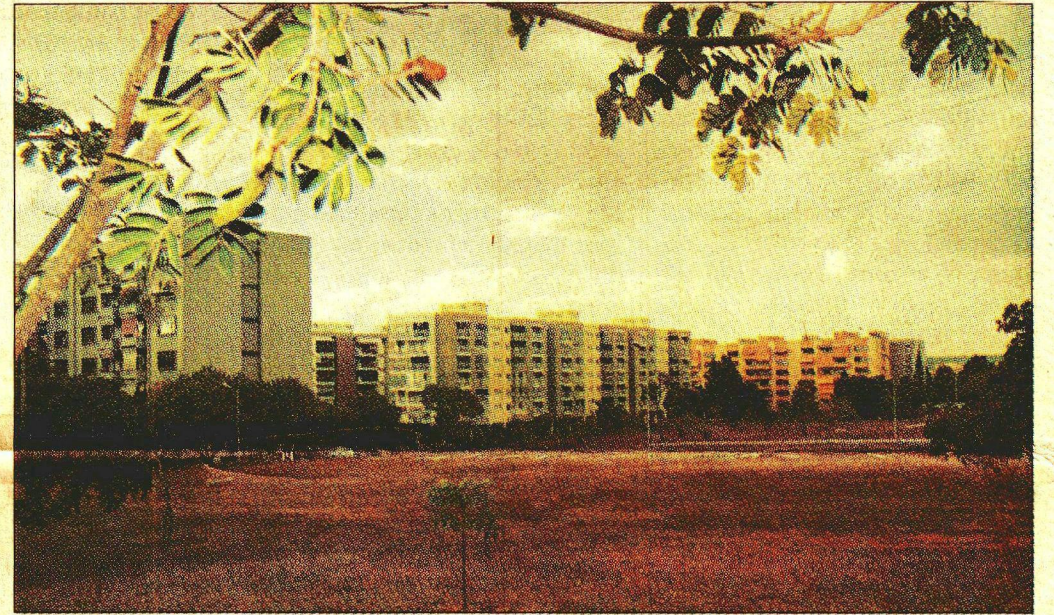
Fotos: Davi Zocoli



A 115 está urbanizada e quase completa. Moradores só querem mais segurança



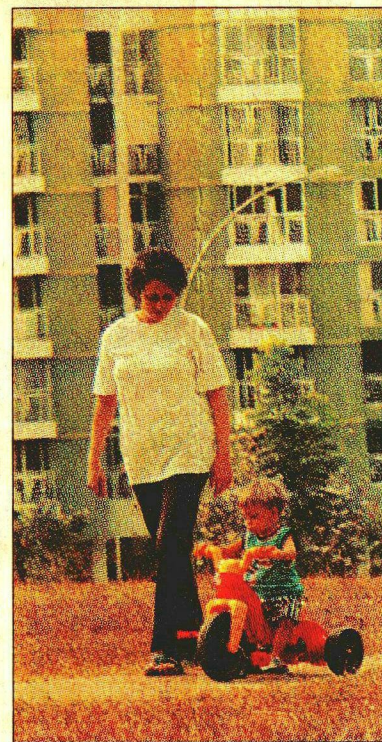
Prefeita quer estacionamento



Com muitos espaços vazios, 116 ainda deixa a desejar quanto a equipamentos de lazer



Centro de Saúde da 116 é considerado conforto adicional aos moradores das quadras



Cristina pede parques fechados



Os 750 alunos da Escola Classe 115 encontram ali um bom espaço para aprender

Tratamento alternativo gratuito

Quem vive nas quadras 115 e 116 Norte dispõe de um conforto adicional, bem próximo de casa. Trata-se do Centro de Saúde nº 13, instalado na área entre as quadras 114 e 115. Como outros centros de saúde do Plano Piloto, o nº 13 presta, além do serviço básico de atendimento médico, vacinação e acompanhamento da saúde dos moradores da vizinhança, alguns serviços adicionais — alternativos e gratuitos.

É o caso do trabalho de auto massagem, baseado na tradicional medicina chinesa, que reúne a comunidade todas as segundas, quartas e sextas-feiras, sempre de 7h30 às 8h30, no pátio do centro de saúde. Qualquer pessoa, independente da idade, pode participar, garante a assistente social Valéria Chagas da Costa, que lidera o grupo. A média diária de participação chega a 50 pessoas, mas os

dias mais movimentados podem reunir até 60 pessoas.

O sucesso da iniciativa tem sido tanto que o Centro de Saúde nº 13 está promovendo um curso para profissionais da rede de saúde do DF, com a proposta de preparar profissionais e incentivar uma maior aplicação da automassagem.

Valéria comanda ainda as aulas de Lian Gong (ginástica terapêutica chinesa), que trabalha as articulações e os pontos energéticos do ser humano, desbloqueando os pontos de energia (os mesmos do dain). As aulas acontecem todas as terças e quintas-feiras, de 7h30 às 8h30, e estão serão dadas agora também nas quartas à tarde, de 15h às 16h30.

Nas segundas à tarde, 16h, a vez é da biodança, com a professora Áurea Fernandes. E nas manhãs de terça, a partir das 8h30, a atenção é toda voltada para as futuras mães, que têm aulas de yoga

para gestante, sob o comando da assistente social Tânia Silveira Vasconcelos.

De 23 a 27 de agosto, o centro realizará sua 7ª Semana de Saúde Integral, que contará com várias mesas redondas sobre temas de interesse da comunidade local. Valéria conta que têm sido detectados ali muitos casos de fibromialgia (problema nos tendões, muito ligado à parte emocional), depressão e síndrome do pânico. Estes temas deverão dominar as palestras.

Segundo Valéria, os serviços oferecidos pelo centro têm tido uma grande aceitação pela comunidade. “A participação aumenta a cada dia”, comemora ela, que diz que atualmente a meta é ampliar ainda mais o trabalho, com a criação de um Centro de Vivência no local. Para isso, estão aguardando um apoio da iniciativa privada.(N.C.)

Escola onde os alunos são da paz

Sou da Paz. Este é o lema dos alunos da Escola Classe 115 Norte este ano. O tema dominou a festa junina realizada no início de junho, com a participação da prefeitura da quadra. A pequena e bem montada escola está ainda toda enfeitada e com cartazes espalhados pelas paredes lembrando a necessidade de paz.

E a diretora, Rosilene Naves Lins, diz que a ideia pegou entre os alunos, especialmente as crianças que fazem até a 4ª série na escola — à noite o espaço é dedicado à educação de jovens e adultos.

No total, são cerca de 750 alunos, que encontram na escola, inaugurada em março de 1984, um bom espaço para aprender. O colégio foi recentemente reformado e toda a estrutura está muito bem conservada.

Rosilene diz que ali o ensino é tradicional. Na biblioteca, porém,

está sendo desenvolvido um trabalho mais elaborado, que já realizou este ano um concurso de selos e outro de cartas. Cada aluno escreveu algumas palavras para a pessoa de sua preferência. A própria diretora recebeu três cartas, que a deixaram emocionada.

Em uma delas, a pequena Letícia, de 10 anos, estudante da 4ª série, não poupou elogios à escola. À diretora ela agradeceu “por ter me oferecido esta querida escola”. Chegando de outro estado para morar em Brasília, Letícia teve que se adaptar à nova cidade e, pelo que escreveu, a escola foi fundamental neste processo: “Quando cheguei aqui não conhecia ninguém e fui acolhida por todos que aqui trabalham com muito amor. E agora tenho orgulho de dizer que estudo na Escola Classe 115 Norte, que tanto me quer bem”.

Outro trabalho de destaque

desenvolvido na escola é a presença de alunos especiais integrados ao ensino regular. Segundo Rosilene, ali estão estudando crianças com vários tipos de problemas. Uma aluna, por exemplo, tem hipersensibilidade ao tato, outro tem a Síndrome de Down, e há ainda um deficiente mental e um deficiente auditivo que integram o quadro de alunos.

“Nós e os próprios alunos tivemos que nos adaptar para isso, pois não estávamos preparados. Hoje, porém, estão todos integrados e as crianças até ajudam nos cuidados com os colegas especiais. É trabalhoso, mas muito gratificante”, avalia Rosilene, que gostou e pretende continuar com a experiência.(N.C.)

No próximo domingo:
As quadras 211 e 212 Sul em ritmo de férias.